

espécie de segunda língua universal. Já ouvi até dizer: “Quem não sabe inglês é analfabeto”.

Todavia há um outro fator que também distingue e classifica as línguas: o seu peso **cultural**. Se não fosse assim, como explicar a teimosia sobrevivência do grego e do latim, línguas ditas “mortas”? Nesse embate supranacional só resistirão as línguas nacionais que tenham a sustentá-las um patrimônio espiritual que as singulariza e sobreleva. Ora, nesse sentido, como grandes línguas de cultura do mundo moderno, temos o inglês, o russo, o chinês, o árabe, o espanhol, o português, o francês, o italiano e talvez mais alguma outra.

O português ocupa, em sexto lugar, posição de relevo. É uma das mais bem estudadas línguas neolatinas, dotada de recursos capazes de permitira aos seus usuários o acesso às altas fontes do saber, nas letras, nas artes, na ciência, na filosofia. O seu precioso patrimônio cultural data da Idade Média e tem causado admiração e amor de outros povos que se prezam de conhecê-lo. Esse patrimônio cultural, o denodo e descortino da gente portuguesa espalhou-o pelas sete partidas do mundo e hoje floresce na alma e no peito de mais de 140 milhões de falantes.

Tem, pois, a língua portuguesa todos os requisitos para se situar no primeiro plano das línguas de cultura deste mundo finissecular. A hora, portanto, é de união e não de fragmentação. No elenco das línguas de cultura supracitadas de escrita alfabética, creio que o português é a única a comparecer ortograficamente dividida. Inútil e lamentável sinal de fraqueza.

Por que, pois, continuarmos assim, quando a união está ao nosso alcance? No mundo da anglofonia, da arabofonia, da hispanofonia, a lusofonia não pode contentar-se com papel menor. Não se trata, por conseguinte, de Brasil, Portugal, Angola ou Moçambique. O momento não é de nacionalismo, etapa já vencida, mas de supranacionalismo, onde os irmãos culturais têm de se dar e apertar as mãos. Essa, como eu sinto, é a posição do Brasil, que vê em Portugal não apenas o sentimental avozinho, mas o poderoso foco de uma cultura que germinou e se adaptou em novos climas.

*JL – 05/03/91*

\*

### **Mário de Andrade, Gramático**

Mário de Andrade – é arqui-sabido – foi um dos mais atuantes próceres do Modernismo brasileiro. Pertenceu à fase inicial do movimento, que vai de 1920 a 1930, na autorizada classificação de Alceu Amoroso Lima (Tristão de

Athayde), mas continuou presente na fase central, que o mesmo crítico literário faz terminar em 1945, ano em Mário veio a falecer.

Uma das tônicas do Modernismo foi a reemergência do nacionalismo, a brasilidade, que tudo justificava e exaltava. Em busca da sempre procurada identidade nacional, os modernistas à maneira dos românticos, voltaram-se para os antigos habitantes da terra, os indígenas, erigidos em símbolo do santo graal da brasilidade. *Tupi ou nor tupi* bradara em inglês Oswald de Andrade no ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha, espécie de desafio ao velho grito lusitano do Ipiranga. Ao manifesto antropofágico oswaldiano sucedeu o manifesto do verde-amarelismo da “escola da Anta” (Nosso nacionalismo é verd-amarelo e tupi). Talvez a obra mais representativa do período seja *Macunaíma*, do próprio Mário de Andrade. O nome é indígena, ou pretensamente indígena; no entanto, “Macunaíma é índio e nasce preto e, ainda em plena taba, é *Rei Nagô* quem avisa que o herói é muito inteligente” (Cavalcanti, *Roteiro*: 28). O livro, romance, rapsódia, epopéia, ou lá o que seja, está recheado de termos indígenas e por ele perpassam lendas e magias do folclore dos silvícolas. Cavalcanti Proença aproximou Macunaíma de *Iracema*; eu preferiria fazê-lo de *O Guarani*. Em ambos há um herói, Peri e Macunaíma, embora em posições antagônicas. Macunaíma é, na verdade, um anti-herói, o herói sem nenhum caráter, ao passo que Peri é o herói integral, varão de quebrar antes que torcer, para quem a vida não tem sentido fora do cumprimento do dever que a dignidade impõe. Já Macunaíma “aparenta uma valentia que não tem”, a repetir como num refrão definitivo, “Ah! Que preguiça!” Em ambos, contudo, como pano de fundo, o indigenismo, barro modelador da fugidia identidade nacional.

Essa brasilidade, onde se encontram Romantismo e Modernismo, um na ótica do idealismo, outro na do naturalismo, vai também juntar os dois movimentos na hostilidade à herança gramatical portuguesa. E, de novo, temos irmanados José de Alencar e Mário de Andrade. O primeiro com o dialeto brasileiro, o segundo, mais à frente, com a língua brasileira.

Manuel Bandeira, crismado por Mário de Andrade como o “São João Batista do Modernismo”, em versos de 1925, denunciava: “O que fazemos é macaquear a sintaxe lusíada”. E no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, de 1924, Oswald de Andrade decretara: “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”.

Era essa a atmosfera dominante no Modernismo, que Mário de Andrade respirou profundamente. Daí a sua preocupação crescente em escrever em “brasileiro”. Mas que seria e como seria esse brasileiro? O próprio Mário pôs-se em campo e entrou a resolver autores e autoridades. Foi esse o seu momento de

maior empolgação pelas descobertas que ia fazendo e chegou mesmo a idear a descrição desse falar brasílico, num livro pioneiro que não seria uma gramática e sim uma *gramatiquinha*, cujo objeto também não seria a *língua* e sim a fala brasileira. Em suma, a *Gramatiquinha da Fala Brasileira*, “anunciado como livro em preparação em várias de suas obras” (Paulo Duarte), que, entretanto, nunca viu a luz do dia.

É aqui que se insere o trabalho magistral da Professora Edith Pimentel Pinto, *A Gramatiquinha de Mário de Andrade. Texto e Contexto*, anteriormente tese de livre-docência, mas agora, para gáudio da nossa Filologia, editado em bem apresentado volume pela *Livraria Editora Duas Cidades*.

Sabia-se que o espírito indagador de Mário de Andrade, que não cultivava o “espontaneísmo” nem a criatividade das mesas de bar, muito havia coletado para a sua sonhada gramatiquinha. Todo esse material acumulado foi recolhido ao Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo. Aí é que foi estudá-lo Edith Pimentel Pinto, com a argúcia, inteligência e pertinácia que Deus lhe deu.

Inicialmente, ordenou geneticamente a pesquisa empreendida por Mário de Andrade.

“Historicamente, pois, a gênese da *Gramatiquinha* remonta a 1922; sua idealização, em termos ainda imprecisos, ao período que vai dessa data a 1925, 1926, quando já se desenvolviam atividades de preparação pessoal, de coleta de dados e relação de textos; e sua concepção final, ao triênio 1927-1929, quando foi trabalhada em moldes aproximadamente gramaticais” (p. 33).

A essas duas fases pediria licença para acrescentar uma terceira, como já fiz em artigo publicado no n.º 2 do ano II da *Revista da Academia Brasiliense de Letras*, a da *desistência* do projeto, iniciada em 1930 e terminada em 1935 em carta a Sousa da Silveira, onde dá conta da sua renúncia a tal propósito, tendo chegado mesmo a declarar: “Este livro do qual nunca escrevi nenhuma página, eu nunca, jamais tive intenção de escrever”.

Por que tão peremptória negação, quando a documentação existente dá testemunho do seu empenho e da sua vontade inicial de levar a termo a pesquisa? A própria autora, na fase da recolha e sistematização do material verificou o seguinte:

“O material consignado para a organização da obra, que ele não destruiu ao desistir do intento, como normalmente fazia com seus originais, compõe-se de autógrafos e textos devidos a terceiros” (p. 23).

E mais: “Esse material foi sumariamente organizado pelo próprio Mário de Andrade” (ib.).

É que, à proporção que se ia embrenhando no assunto, ia Mário de Andrade tomando real conhecimento da sua amplitude e complexidade. Em carta a Manuel Bandeira de 1925, transcrita em parte pela autora (p. 37-38, nº 20), lê-se:

“Você compreende, Manuel, a tentativa em que me lancei é uma coisa imensa, nunca foi pra um homem só. E você sabe muito bem que não sou indivíduo de gabinete. Não posso ir fazendo no silêncio e no trabalho oculto toda uma gramática brasileira pra depois de repente, pá, atirar com isso na cabeça do pessoal”.

Na cronologia da gestação da obra preparada pela professora Edith, uma obra assume relevância particular: a *Gramática Secundária*, de Said Ali. De início, o entusiasmo deve ter-se apossado da mente de Mário de Andrade e as idéias lhe borbulhariam no espírito inquieto e indagador. Com o tempo, esfriando um pouco os ardores juvenis, deve ter intensificado a busca das fontes de informação, pois nele se aliavam o poeta e o estudioso. Foi então que deu com a gramática de Said Ali. Chamar a atenção para esse ponto é uma contribuição fundamental trazida pela professora à exata compreensão da história da *Gramatiquinha*. Eis palavras suas:

“A partir, porém, da adesão a um modelo – a *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (G.S.) de Said Ali – a obra adquire contorno, surgindo então um *Índice*, dividido em partes e subdividido em capítulos até já enumerados” (p. 67).

O trabalho nessa altura se organiza, toma forma, encontra um modelo, e esse modelo parte de um autor esclarecido e suficientemente a par dos progressos da ciência da linguagem. Outro contato que também deve ter contribuído para interceptar os rumos da *Gramatiquinha* foi o travado com o professor Sousa da Silveira, sábio opositor das açodadas idéias de um abasileiramento irrefletido da língua portuguesa. Em 1925 solicitou Mário a Sousa da Silveira, por intermédio de Manuel Bandeira, uma lista de livros que pudessem dar base científica a seus estudos. Essa lista só lhe chegou às mãos em 1927, com um bilhete do poeta pernambucano, do qual extraímos estas linhas: “Estudando aqueles cinco batutas (Vendryes, Dauzart, Boureiez, Leite de Vasconcelos, Brunot) que encabeçam a lista, você fica o bicho!” (p. 77-78). Pensamos, ao contrário, que esses cinco batutas de muito pouca valia seriam para o projeto marioandradino; os dois seguintes (Amadeu Amaral e Nascente), esses, sim, é que diriam mais com os propósitos do solicitante. Mas, passemos.

Reunido, analisado, organizado o material, passou então Edith Pimentel Pinto à meritória e realmente ingente tarefa de fazer emergir do limbo a *Gramatiquinha*. E daí surgiu o magistral livro que agora temos em mãos.

A estrutura do trabalho é a seguinte: Informação, O Pretexto, Texto Interpretativo (Fonologia, Lexiologia, Sintaxe, Estilística). Convergências, Obras Consultadas. Devo dizer que, na verdade, consta o livro de duas partes: a primeira é a que ficou acima indicada, de acordo com o Sumário; a segunda vem a ser a *Gramatiquinha*, a que deu forma e vida a estudiosa.

Em 1916, vinha a lume, em Paris, um livro que iria abrir novos e promissores caminhos aos estudos de ciência da linguagem: o *Cours de Linguistique Générale*. O seu famoso autor, Ferdinand de Saussure, nunca o escreveu. Esse trabalho de reconstrução e síntese coube a dois jovens lingüistas, Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger, os quais, valendo-se de notas de aula de alguns dos mais distintos alunos do mestre ginebrino, puderam finalmente recompor um livro que inauguraria nova face nos estudos lingüísticos do Ocidente.

Entre nós, *si parva licet*, temos também finalmente em mãos, ainda que incompleta, a *Gramatiquinha da Fala Brasileira*, sempre tão aguardada mas nunca publicada, do incansável Mário de Andrade. O milagre nos veio da competência e amor ao estudo da professora titular da Universidade de São Paulo, Dr.<sup>a</sup> Edith Pimentel Pinto. Fica assim a Filologia brasileira enriquecida de um livro maior, que estará presente em todas as estantes dos que se empenham em conhecer os pontos cruciais da ininterrupta caminhada da língua portuguesa no Brasil.

*O Estado de São Paulo*  
9/3/91

\*

### **Um mestre de luso-brasilidade**

As relações culturais Portugal-Brasil, graças a Deus, nunca esmoreceram por falta de combatentes. E que ilustres lutadores! A galeria dos exemplos, não poderia deixar de encabeçá-la o nome do magistral Afrânio Peixoto (cuja contribuição à cultura brasileira em geral e luso-brasileira em particular ainda não foi devidamente avaliada), a quem se deve a criação, na Universidade de Lisboa, da cadeira de Estudos Camonianos. Em sua homenagem, funciona no Rio de Janeiro, no Liceu Literário Português, o Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto. Na presidência do Instituto sucedeu-lhe o dr. Pedro Calmon, estrênuo lutador da constante aproximação cultural entre os dois países, nome que, desventuradamente, está sendo injustamente esquecido. O grande renovador dos estudos sociológicos no Brasil, Gilberto Freyre, em suas acuradas e originais pesquisas, sempre ressaltou, com entusiasmo, a imensa dívida cultural que o jovem Brasil tem para com o velho Portugal. Nem olvidemos a figura